

PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO INFANTIL: (OUTRAS) REFLEXÕES SOBRE A PRÁXIS

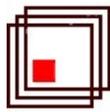
Caroline Gonçalves Chaves¹

Venho através desta carta² versar sobre alguns apontamentos da relação Educação Infantil e Paulo Freire que podem passar despercebidos. Os conhecimentos proferidos por Freire são incontestáveis, disso temos certeza. Em *Pedagogia do Oprimido*, obra escrita no período em que esteve exilado no Chile (FREIRE, 1968), Freire disserta acerca da dicotomia entre opressão e educação emancipadora, de modo a configurar a libertação do oprimido como único caminho para uma realidade propriamente livre. Foram dezenas de livros escritos em vida, sendo *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1996) o último deles, que versa, resumidamente, sobre a perspectiva progressista de educar, oportunizando ao educando tomar as rédeas de sua educação e de seu próprio destino.

Os saberes designados a e proferidos por educandos da EJA, por exemplo, são bastante enfatizados nas obras do mestre. Já as aplicações na Educação Infantil, muito embora não tenham sido seu prisma, poderiam ser mais discutidas, visto que desde cedo arriscaríamos justapor os saberes de uma educação libertadora aos cuidados e formação de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. O professor-opressor, que se esqueceu de uma prática dotada de sentido, não deve figurar as salas de aula da Educação Infantil, correto? Assim, faz-se libertador e crucial reconhecer Paulo Freire como educador responsável, também, por tornar a Educação Infantil mais humana e mais palpável.

¹ Pedagoga especialista em Psicopedagogia e Tecnologias da Informação e Comunicação pela UFRGS, Porto Alegre, RS. Contato: carolinegch@gmail.com

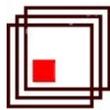
² A primeira parte dela foi escrita em abril de 2018, para o XX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. Anais do evento:
<http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/eventos/xxfpf/assets/basic-html/page-1.html#>



Sobre a docência, Freire explana em *Pedagogia da Tolerância* (FREIRE, 1995) sobre a luta de mudar, que é difícil, porém, não impossível. Mudar a compreensão de mundo, acreditar na boniteza, se reinventar e se tornar um professor mais preocupado com a realidade de seus alunos, um professor-propulsor – um termo que faz referência à Corbellini e Real (2017) – também na Educação Infantil, é necessário. Quando reconhecemos as crianças pequenas como detentoras de saberes importantes, como sujeitos de direitos e de habilidades tão significativas quanto às de jovens ou adultos, quando os enxergamos como capazes de aprender e de ensinar desde seus nascimentos, estamos sendo freireanos como deveríamos ser. E se, por vezes, como educadores, esquecemo-nos do quão preciosa é a primeira infância, robotizados em atividades empobrecidas e sem sentido, não devemos, então, nos reinventar? As proposições para a Educação Infantil podem não sair do papel sem um governo preocupado em ter a educação básica como prioridade. Gestores inquietos, professores com rica formação e dedicados, alunos curiosos, nada disso será o bastante sem recursos para prover o essencial e o complementar na Educação Infantil de qualidade. Isso Freire já nos indicava há tempos, que sem investimento substancial na educação como um todo, até nos faremos educandos e educadores, mas abatidos sob nossas existências. Até mesmo o interesse mais a florado esmorece frente ao descaso. Daí a necessidade da esperança de que tanto nos fala o mestre. Quase quero escrever “Esperança”, com “E” maiúsculo! A esperança não-ingênua, não-frívola, mas fecunda e embasada. Disse ele, em *Pedagogia da Esperança*:

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia (FREIRE, 1992, p. 5).

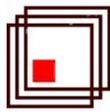
Como complementação, trago o relato de um menino de dois anos e meio a quem chamarei de Santiago, na intenção de explicitar que a pedagogia freireana se vivencia nas situações do cotidiano. Santiago é criado pela mãe, divorciada, e vive com ela e um irmão mais velho cuja diferença de idade é



relativamente acentuada. A mãe concluiu o ensino fundamental e trabalha como diarista em período integral. Santiago convive na turma de maternal 1, de uma escola municipal, também em período integral. A situação econômica da família é modesta. Ele possui tênue dificuldade de entrosamento com os colegas, gosta de brincar sozinho (porque assim está acostumado) e maravilha-se com brinquedos aos quais não tem acesso em casa. A família de Santiago valoriza a educação, mas Santiago vai à escola especialmente porque a mãe não tem com quem deixá-lo durante o dia (o filho mais velho frequenta o ensino médio de uma escola estadual e não poderia cuidar do irmão, porque faz estágio em uma empresa privada no contraturno). A vaga conquistada na Educação Infantil foi muito concorrida e festejada, pois antes Santiago precisava acompanhar a mãe em seu trabalho e nem todas as empregadoras se agradavam disso.

Para tantos Santiagos que a escola precisa ser acolhedora e estimuladora desde cedo. Se mães como a dele são a maioria, as que prezam por uma vida escolar de sucesso de seus filhos, melhores do que as suas próprias, e não podem dedicar tempo ou instrução em ajudá-los, Paulo Freire nos descreve que a escola e o educador preocupados, não alheios a suas realidades, são improteláveis. Também para Santiago disserta Freire ao afirmar que:

O meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância. Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento? Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem. Desrespeitado como gente no desprezo a que é relegada a prática pedagógica não tenho por que desamá-la e aos educandos. Não tenho por que exercê-la mal. A minha resposta à ofensa à educação é a luta política consciente, crítica e organizada contra os ofensores. Aceito até abandoná-la, cansado, à procura de melhores dias. O que não é possível é, ficando nela, aviltá-la com o desdém de mim mesmo e dos educandos (FREIRE, 1996, p. 35).



A Pedagogia da Infância se faz, então, disse Angelo (2006), vital para que se concebam crianças como sujeitos culturais, históricos e dialógicos, Freire dialogou com a classe trabalhadora como ninguém, e também com os filhos desses trabalhadores, crianças. Ele sabia dos anseios da infância tanto quanto dos sonhos dos jovens e adultos, pois tinha olhar sensível e (re)conhecia a alma das pessoas verdadeiramente – não é exagero comentar. Sonhou e concretizou a escola problematizadora e humana enquanto esteve à frente da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (1989 – 1991) e como educador de sempre. Percebeu pequenos Santiagos, Vicentes, Julianas como detentores de saberes e não depositórios de informações transferidas pelo professor. Paulo Freire era, acima de tudo, um visionário à frente de seu tempo, que concebeu, entre tantos entendimentos, ideias inovadoras no plano educacional e tato ao lidar com o próximo, independente de sua idade.

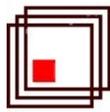
Com carinho e respeito,

Uma educadora em (constante) construção.

Adendo à carta de 2018

Passados três anos, não pude deixar de adicionar aqui como pensava Freire sobre liberdade e autoridade. Disserta o mestre, em uma carta, compilada no livro Pedagogia da Indignação (2000), que era jovem em Jaboaão, quando um casal de amigos da família veio com o filho de seis anos em visita. A criança bagunçava e quase sufocava um pintinho, ameaçando matá-lo. O Freire menino observava espantado, e os pais amigos, nada faziam. Aquele episódio ficou gravado na memória do pedagogo, que jurou ser um genitor diferente.

Daí se destaca a importância de reconhecer que liberdade descabida é sofrimento. A falta de autoridade consciente se reflete em escassez de limites, ocasionando aflição por não saber contornar situações. A permissividade não pode ser confundida com amor, pois não é – é passividade e inexperiência em não lidar com os conflitos. O verdadeiro amor supõe o suave afeto do respeito



às regras que, de maneira acolhedora, organizam a sociedade. “Não posso pedir desculpas a meu filho por ter feito o que deveria realmente ter feito”, diz Freire. Não é arrependimento fazer o certo e conduzir à educação (trans)formadora.

Em contrapartida, a tirania e a coibição do livre crescimento da criança, tirando-lhe a autonomia do ser e a curiosidade próprias da infância, causam infelicidade. Estar aberto à novidade e à dúvida, segundo Freire, é a chave para uma educação amorosa e democrática. Ainda, o educador em constante construção, a que me referi, precisa saber que as transformações do mundo acometem a todos, e ele (professor) cresce e se adapta – às tecnologias, aos anseios dos educandos, inclusive a essa pandemia que nos assola, nessa liquidez (BAUMAN, 2001) moderna. Freire (1996) arremata, ainda, que “Onde há vida, há inacabamento”, pois a vida tramita, não podemos ficar estagnados e não poderia ser diferente com a nossa práxis.

Santiago cresce! A educação infantil deve seguir acolhendo sua magnitude de ser, estimulando sua criatividade, favorecendo um desenvolvimento saudável e a preparação para os demais estágios da escolarização. Educadores e educandos, com saberes amalgamados, podem construir a escola inovadora e reinventada que tanto buscam.

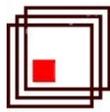
Referências

ANGELO, A. **A pedagogia de Paulo Freire nos quatro cantos da educação da infância**. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100001&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 08 de abril de 2018.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CORBELLINI, S.; REAL, L. M. C. A trajetória do curso: caminhar em várias direções. In: REAL, Luciane Magalhães Corte; MARQUES, Tânia Beatriz Iwaszko (org). **Psicopedagogia e TICs**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.